INTEGRAÇÃO VIA MERCADO DE CAPITAIS

APROVEITANDO O BOM MOMENTO EXPERIMENTADO PELO MERCADO DE CAPITAIS BRASILEIRO, ENTIDADES DO MERCADO DIRECIONAM SEUS ESFORÇOS PARA TORNAR O PAÍS UM POLO DE ATRAÇÃO DE INVESTIMENTOS PARA TODA A AMÉRICA LATINA

ALEXANDRE BEÇAK DAVID E IVAN IAIS,
advogados da BKBG Sociedade de Advogados,
david@bkbg.com.br
iais@bkbg.com.br

Historicamente pouco desenvolvido, sobretudo se comparado aos de outros centros, o mercado de capitais brasileiro experimentou uma extraordinária expansão nos últimos anos. Os volumes negociados na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) têm atingido consecutivos recordes, em um processo iniciado no segundo semestre de 2004 e que se convencionou chamar de "retomada" do mercado de capitais brasileiro. Contrastando com retrações ocorridas em outros países bem mais tradicionais como destinos de capitais internacionais, o fluxo de investimentos no Brasil pouco sofreu com a crise financeira mundial de 2008.



Em meio a esse cenário de prosperidade, entidades do mercado financeiro têm direcionado esforços para transformar o Brasil em um centro de atração de investimentos para toda a América Latina, dado o seu peso econômico na região. A integração econômica regional teria no mercado financeiro e de capitais um componente-chave. Esse esforço, alvo de discussão deste artigo, é objeto do projeto BRAiN, uma iniciativa multissetorial criada em março deste ano e cuja implementação ainda se encontra em seus passos iniciais.

AMBIENTE FAVORÁVEL

A solidez conquistada ao longo dos últimos 15 anos pela economia brasileira é o principal fator por trás da retomada do mercado de capitais. A estabilidade de preços alcançada a partir de 1994, aliada à condução de políticas econômicas consistentes desde então, levou o país a um cenário econômico favorável e acabou fazendo dele opção quase obrigatória para os investidores internacionais. Um marco desse processo ocorreu em 2008, quando o Brasil foi elevado pela consultoria Standard & Poors ao chamado "grau de investimento" (*investment grade*), o que significou sua entrada no grupo de países considerados de baixo risco para investimentos internacionais.

PROJETO BRAIN: AGENDA ESTRATÉGICA

1 CONSOLIDAR O BRASIL COMO POLO INTERNACIONAL DE INVESTIMENTOS E NEGÓCIOS DA AMÉRICA LATINA

- Expandir o setor bancário brasileiro para a América Latina
- Tornar o mercado de capitais brasileiro o portal de investimentos para a região; centralizar no Brasil a gestão de ativos latino-americanos, hoje em boa parte realizada na América do Norte e na Europa
- Sediar a tomada de decisões de multinacionais que operam na região
- Apoiar a expansão internacional das multinacionais latino-americanas

2 AMPLIAÇÃO DA PROJEÇÃO INTERNACIONAL DO PAÍS E DE SUAS CONEXÕES COM OS OUTROS MERCADOS INTERNACIONAIS

- Projetar uma imagem do país no exterior consistente com a de um polo de investimentos e negócios
- Abrir pontas diretas de câmbio
- Expandir as redes de distribuição dos bancos brasileiros
- Criar conexões institucionais
- Participar de fóruns internacionais
- Fomentar a proficiência em línguas estrangeiras
- Expandir a malha aérea; reforçar o comércio exterior

3 REFORÇO À COMPETITIVIDADE DO AMBIENTE BRASILEIRO DE NEGÓCIOS

- Otimizar a regulação e os tributos
- Reduzir a burocracia
- Criar um polo de talentos
- Aprimorar a infraestrutura urbana e de negócios
- Ampliar os serviços profissionais; oferecer qualidade de vida (segurança, cultura e lazer)

FONTE: WWW.BRAINBRASIL.ORG.

#3

ESPECIAL AMÉRICA LATINA

INTEGRAÇÃO VIA MERCADO DE CAPITAIS

Para acompanhar a expansão, e fazer frente às intensas demandas dos investidores, as autoridades reguladoras têm atuado no sentido de aperfeiçoar o marco regulatório do mercado. Um exemplo recente foi a autorização, em 2009, pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), das Ofertas Públicas com Esforços Restritos de Distribuição, que são destinadas a um número restrito de investidores e envolvem maior agilidade e redução de custos para as companhias emissoras. Ao mesmo tempo que se dinamiza, o mercado de capitais brasileiro moderniza suas regras, tornando-as mais aptas para a continuidade do atual cenário de crescimento.

PROMOÇÃO EXTERNA

Nesse ambiente favorável, o Brasil passou também a direcionar esforços ao objetivo de promover seu mercado de capitais junto aos investidores. Uma primeira iniciativa nesse sentido foi o programa BEST, sigla para Brazil Excellence in Securities Transactions, um projeto conjunto de diferentes entidades e órgãos vinculados ao mercado brasileiro financeiro e de capitais. Visando à promoção do mercado brasileiro para a comunidade de investidores internacionais, o projeto é liderado pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima), BM&F-Bovespa, Câmara de Custódia e Liquidação (Cetip) e Federação Brasileira de Bancos (Febraban), e conta com apoio da CVM, do Banco Central do Brasil e da Receita Federal. Desde a criação do programa, em 2004, até novembro de 2009, realizaram-se 13 *road shows* nos principais polos investidores da América do Norte, Europa, Oriente Médio e Ásia, com o intuito de mostrar aos investidores internacionais a segurança e lucratividade do mercado brasileiro.

INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA

Em sintonia com o BEST, o passo seguinte foi o lançamento, em março último, do projeto BRAiN, sigla da associação Brasil Investimentos & Negócios. Trata-se de um projeto multissetorial e de longo prazo, cujo sucesso sem dúvida exigirá coordenação de esforços entre a iniciativa privada e o poder público. O projeto se baseia em uma extensa agenda estratégica (ver página 43), voltada a promover a integração econômica dos países latino-americanos pela via do mercado de capitais: o Brasil seria o principal polo canalizador de investimentos para a região, que hoje passam por outras praças, como Londres ou Nova York.

DESAFIOS

Os passos para pôr em prática esse ambicioso projeto já começam a ser tomados. É o caso da recente permissão do Conselho Monetário Nacional para que os fundos de pensão, entes tão protegidos pelas autoridades nacionais, passem a poder investir no exterior.

Porém, o caminho de implementação é complexo e longo, e para que o projeto saia do papel serão necessárias muitas outras medidas. Como exemplos, é possível citar a necessidade da livre conversibilidade de moedas no Brasil – sem período mínimo para retirar ou colocar recursos no país e sem impostos específicos – ou ainda a otimização do nosso aparato tributário, pouco amigável para investidores estrangeiros na medida em que inclui, por exemplo, o come-cotas semestral em fundos e o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) para estrangeiros.

Em suma, as dificuldades para a implementação do projeto serão consideráveis. O Brasil possui uma sistemática jurídica diversa de outras praças relevantes no mercado internacional. No nosso sistema jurídico, as regras cambiais e bancárias são mais rígidas do que nas demais praças. Ademais, nosso sistema tributário é, há muito, tido como um dos mais confusos do mundo, e a necessidade de reforma tributária (em conjunto com outras tantas) é discutida há anos sem resultados relevantes. E, por que não mencionar, há também a questão do idioma, já que o Brasil não fala espanhol.

A nós parece que o projeto BRAiN faz sentido e surge em um momento ímpar, já que o Brasil goza atualmente de uma situação econômica de causar inveja até às potências mais desenvolvidas. Vale também lembrar que estamos em ano de eleições presidenciais, e, dentre as promessas, sempre estarão aquelas de tornar o Brasil uma potência ainda maior do ponto de vista econômico. Portanto, o momento não poderia ser mais propício.

FAZENDO A AGENDA ACONTECER

Redação GV-executivo

A *GV-EXECUTIVO* CONVERSOU COM PAULO OLIVEIRA, DIRETOR-GERAL DO PROJETO BRAIN. A SEGUIR, OLIVEIRA CONTA A ORIGEM DO PROJETO E COMENTA O POTENCIAL DO BRASIL COMO POLO DE ATRAÇÃO DE CAPITAIS PARA A AMÉRICA LATINA.

O projeto BRAiN foi lançado em março de 2010, mas os esforços para desenhá-lo devem ter começado bem antes...

Com certeza. Eles remontam a 2004, quando a Bovespa, a Febraban e a Anbima diagnosticaram que havia uma clara incompreensão no mercado internacional sobre o que é o Brasil. Havia uma desinformação incrível sobre o tamanho e a sofisticação do nosso mercado, e portanto sobre as oportunidades de negócio que havia aqui. Essas três entidades criaram então o programa BEST, basicamente com o intuito de fazer *road shows* para divulgar nosso mercado, com um discurso bem institucional. Esse programa foi um sucesso, e efetivamente atraiu muitos investidores para cá. Ele acabou sendo o embrião da BRAiN, que tem por objetivo criar condições para que o Brasil se torne um polo de investimentos e negócios não só local, mas internacional.

Muitos investidores vieram de 2004 para cá, não há dúvida. Mas foram atraídos também pela economia fortalecida. É possível afirmar com certeza que vieram em decorrência do projeto BEST?

Obviamente que não foi só o BEST. A economia do Brasil, nos últimos anos, passou de um ciclo vicioso para um clico virtuoso. A estabilidade da moeda, o marco regulatório brasileiro, a maturidade das

#3

ESPECIAL AMÉRICA LATINA

INTEGRAÇÃO VIA MERCADO DE CAPITAIS

instituições e o ambiente internacional favorável foram importantes para a retomada do mercado de capitais no Brasil, ao criar um panorama geral favorável. Porém, para que esse tipo de movimento efetivamente aconteça, é preciso uma chama que incendeie o processo. O que o BEST fez foi justamente isso: despertou a consciência do mercado para aquilo que já existia aqui. E aí a coisa aconteceu com fluidez.

E como se deu a evolução, do BEST para a BRAiN?

Em 2008, quando o Brasil conseguiu o *investment grade*, ficou claro que não era mais necessário tentar convencer o investidor a vir para cá. Ele já estava vindo. A pergunta que surgia no mercado internacional não era mais "por que investir no Brasil?", mas sim "como investir no Brasil?". Em função disso, as mesmas entidades que tinham criado o BEST instituíram um novo grupo de trabalho, que se chamou Projeto Ômega. Na época eu era diretor executivo da Bovespa, e fui o representante da Bolsa nesse grupo. Contratamos o Boston Consulting Group, que já tinha apoiado outros centros financeiros, como Dubai e Cingapura, a se posicionarem no tabuleiro do mundo. Após dois anos de trabalhos, criamos a BRAiN, na forma de uma associação, da qual participam entidades setoriais, empresas e órgãos de governo.

Além de entidades do próprio mercado financeiro, então, a associação conta com agentes de outros setores?

Uma das principais premissas nossas é a de que o projeto não funcionará se não for tripartite. Não se trata de um projeto do mercado financeiro: ele tem que ter envolvimento do governo e também da economia real, isto é, das empresas. No governo, o Banco Central, o Ministério da Fazenda, a CVM e o BNDES participaram das decisões desde o início. Estamos atualmente ampliando esse escopo, envolvendo outras instâncias, como o Ministério das Relações Exteriores, o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e o Ministério da Educação. No setor privado, lançamos o projeto já com 13 associados, entre eles a Fiesp e a Fierj, além de bancos.

E como você vê o potencial do mercado brasileiro como polo de atração de investimentos para a América Latina?

O primeiro ponto é que esse potencial não é artificial, é natural. Nós não estamos empurrando uma pedra ladeira acima. A América Latina é uma região onde existe um grande espaço para um maior desenvolvimento de mercado de capitais: empresas se desenvolvendo, crescimento corporativo, um grande espaço para investir. Mas não existe por aqui uma praça que seja um centro financeiro de negócios, como Hong Kong e Cingapura são para a Ásia, por exemplo. Você não tem um centro na própria região onde ativos chilenos, colombianos, mexicanos e argentinos possam ser negociados. Eles são obrigados a ir para Nova York. Um segundo ponto é o próprio peso da economia brasileira na região. O Brasil representa 80% do mercado de capitais, e 90% do mercado de derivativos não balcão da América Latina.

Mas, apesar disso, a criação de um centro de negócios no Brasil não é uma coisa que irá acontecer por decurso de prazo. É preciso fazer acontecer...

Exatamente! Você veja, por exemplo, o caso de Frankfurt, que é um senhor centro financeiro, mas não é globalizado. Ou mesmo o caso de Tóquio, que não tem a mesma importância para a Ásia que Hong Kong e Cingapura têm. Há razões para isso: nos lugares em que surgiram centros financeiros realmente importantes, é porque alguma associação fez a agenda acontecer. É o que estamos fazendo aqui. ■